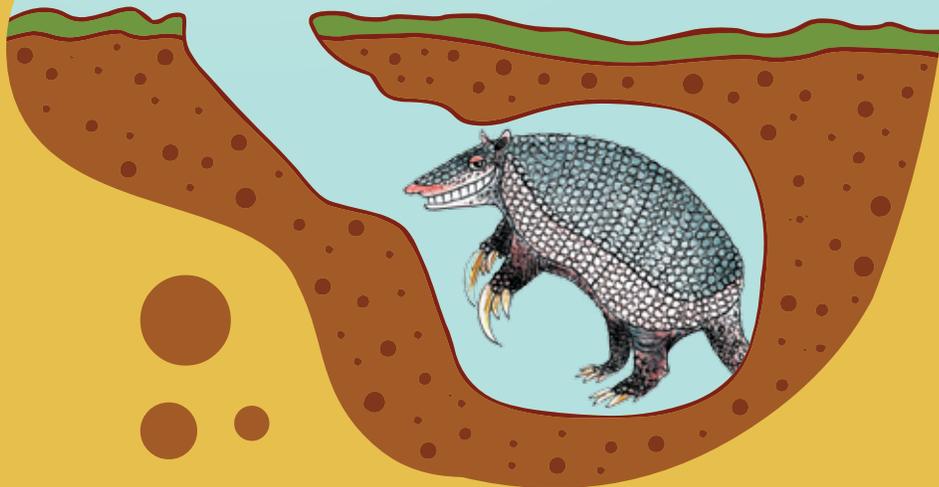


TEM
TATU NA
TOCA?



Liana John e Arnaud Desbiez

Aqui no Brasil, tem tatu de todo tamanho. Tem o tatu-bolinha, um tiquinho de tão pequeno, um quilo só, sempre pronto a se enrolar, fechando a armadurazinha para se proteger. E tem o taludão do tatu-canastra, pesado como um saco de cimento, com seus 50 quilos e um metro e meio do focinho até a ponta do rabo. Entre o menorzinho e o maiorzão, tem tatu mais gordinho, tatu mais baixinho, tatu magrelinho, tatu parrudinho: são 10 espécies diferentes, cada uma do seu jeito, mas todas com cara e carapaça de tatu e casa de tatu.

E quer saber como é uma casa de tatu? É um buraco na terra, do tamanho justo para o tatu entrar e seguir andando por um túnel até bem no fundo, onde tem um espacinho para descansar e escapar do calorão lá de fora, nos dias quentes. Ou da friagem, nos dias de frio. Ou da chuva, nos dias de tempestade. E do fogo, nos dias de queimadas.

Não importa muito como está o tempo lá fora, dentro da toca do tatu é sempre gostoso de ficar, nem calor demais, nem frio demais. Ah! E também não tem luz demais, é meio escurinho, bom para dormir e esperar o perigo passar.

Por isso, cada tatu cava sua toca com capricho. Usa as garras fortes para tirar a terra e deixar o túnel no tamanho certo. Para os tatus pequenos, a passa-





gem é estreitinha, para os grandalhões, o buraco tem pelo menos dois palmos na entrada e cinco metros até o fundo. Só o tatu-bolinha não gosta de cavar. Ele prefere fazer a toca no meio do capim emaranhado ou usar emprestado os buracos feitos pelos outros.

Os tatus capricham ainda mais nos túneis e no ambiente subterrâneo quando é tempo de nascerem os tatuzinhos. Tem um, o tatu-galinha, que até forra o chão com folhas. Em geral, os tatus andam por aí sozinhos e só se encontram na época de namorar. Então o macho e a fêmea podem até dividir a mesma toca por um tempo. Depois a fêmea volta a cuidar da casa sozinha e arruma tudo para os filhotes. As mães tatu-galinha sempre têm ninhadas de 4 filhotes idênticos. Ou são todos machos, ou todas fêmeas. Já as mães tatu-canastra, tatu-de-rabo-mole e tatu-bola só têm um filhote por

vez. Os tatuzinhos todos são bem parecidos com seus pais, em versão miniatura. Mas a carapaça é bem molinha, então eles precisam da proteção da toca até poderem sair e enfrentar a vida dura lá fora.

Muitas vezes, a toca do tatu tem mais de uma saída, para o tatu ter como escapar, se aparecer algum predador, seja bicho-fera ou bicho-homem. Tudo é tão certinho que sempre tem outros animais querendo abrigo na casa do tatu: é cobra, é ratinho, é lagarto, é passarinho. Até jaguatirica, cachorro-do-mato, tamanduá-mirim e cateto fazem a toca do canastra de pousada!

O tatu não se incomoda. Vai largando as tocas velhas para trás e cava novas mais adiante. É mesmo um construtor de bom coração: sai espalhando casa e albergue por toda a vizinhança!



Pelo menos dez espécies de tatu andam pelo Brasil afora. Algumas preferem a mata fechada, outras os campos abertos. Algumas chegam perto do homem, outras se escondem bem longe. Algumas saem da toca de dia, outras bem tarde da noite. Pode acontecer de existirem 4 ou 5 espécies de tatu na mesma região, um vizinho do outro. Isso acontece no Pantanal, por exemplo,

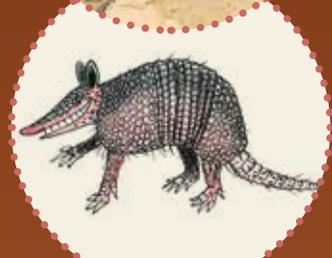
terra de tatu-canastra, tatu-peba, tatu-galinha e tatu-de-rabo-mole. Eles não brigam muito entre si porque usam o ambiente de modo diferente e porque cada espécie de tatu tem suas preferências de “cardápio”: uns gostam mais de cupins ou formigas, outros também comem larvas e até frutos. Quer dizer, tem abrigo e comida para todos e cada um aproveita do seu jeito!

TATUS DO BRASIL



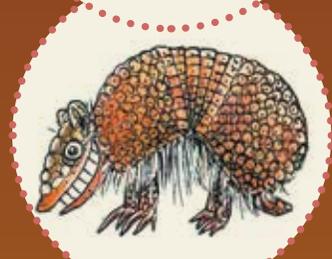
TATU-CANASTRA (*Priodontes maximus*)

Pesa 50 kg e mede 155 cm, do focinho até a ponta do rabo. A carapaça é de duas cores: marrom escuro no meio com uma faixa mais clara na borda. Tem unhas grandes e recurvadas nas patas da frente, com uma garra bem grande no dedo do meio, maior que as de um urso polar!



TATU-DE-QUINZE-QUILOS (*Dasypus kappleri*)

Apesar do nome, não chega a 15 quilos. Pesa uns 12 kg e mede 103 cm, do focinho até a ponta do rabo. É alto, tem focinho comprido e costas curvadas, de um tom cinza escuro em cima e meio rosado dos lados. Tem 4 dedos nas patas da frente e 5 nas patas de trás.



TATU-BOLINHA (*Tolypeutes matacus*)

É bem parecido com o tatu-bola, na cor, no jeito de se fechar como uma bola e andar feito bailarina. Mas é menor, aliás, é o menor de todos os tatus brasileiros: só pesa 1 quilo e mede 31 cm.



TATU-GALINHA (*Dasypus novemcinctus*)

É bem parecido com o quinze-quilos, mas menor. Pesa uns 5 a 7 kg e mede 102 cm. Pode ser mais escuro ou mais amarelado, conforme o ambiente onde vive. As orelhas são bem no alto da cabeça. O rabo parece feito de uma dúzia de anéis encaixados, de tamanhos diferentes. E a carapaça é brilhante, parece que alguém passou lustra-móveis...



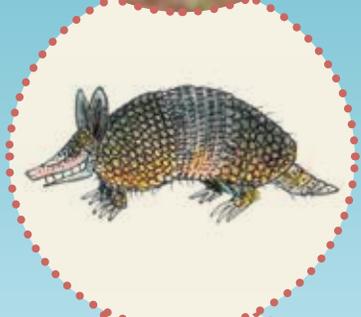
TATU-DE-RABO-MOLE-GRANDE (*Cabassous tatouay*)

Pesa 6,5 kg e mede 70 cm. É cinza-escuro e tem orelhas mais para os lados da cabeça. Os 5 dedos de cada pata da frente têm garras grandes e curvadas e o dedo do meio tem a garra bem maior. O rabo não tem “armadura”, nem placas nem anéis protetores, por isso ele recebeu o nome de rabo-mole.



TATU-DE-RABO-MOLE-PEQUENO

(*Cabassous unicinctus*) – É bem parecido com o tatu-de-rabo-mole-grande: mesma cor, cinza-escuro, e mesma aparência. Mas pesa só 1,5 a 4,8 kg e mede 65 cm. Existem duas subespécies dele no Brasil. E ele é muito parecido com outra espécie dos países vizinhos, que não sabemos se anda pelo Brasil ou não: o tatu-de-rabo-mole-do-chaco (*Cabassous chacoensis*).



TATUÍ (*Dasyus septemcinctus*)

Tem orelhas compridas e rabo curto. Pesa só 1,5 kg e mal chega aos 47 cm. É meio amarelado com umas faixas mais escuras nas costas. Tem 4 dedos nas patas da frente e 5 nas patas de trás.



TATU-MULITA (*Dasyus hybridus*)

Pesa 2 kg e mede 46 cm. É bem alto e curvado, mas magrinho. O rabo é curto, a cabeça é comprida e as orelhas são longas e inclinadas para trás, parecidas com as da mula, por isso é chamado de mulita.



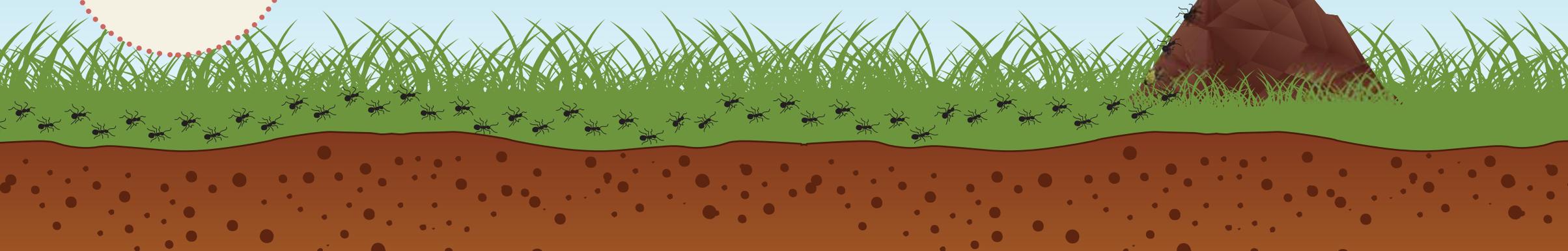
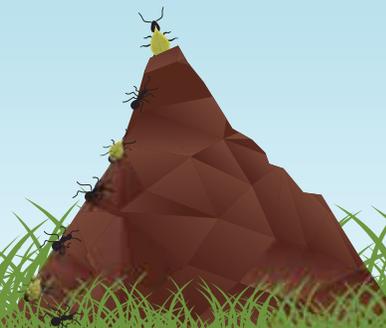
TATU-BOLA (*Tolypeutes tricinctus*)

Anda nas pontas dos dedos, parecendo uma bailarina. Pesa 1,8 kg e mede 36 cm. É marrom-claro e é o único a ter 5 dedos em todas as patas. Quando ameaçado, consegue se fechar totalmente, formando uma bola. O rabo tem placas protetoras e quase não dobra. Essa é a única espécie endêmica do Brasil, quer dizer, só existe aqui e em nenhum outro país.



TATU-PEBA (*Euphractus sexcinctus*)

É o mais achatado dos tatus e tem a cabeça bem triangular. Pesa 4 a 6,5 kg e mede 70 cm. O rabo é comprido e com uma porção de anéis. A cor é alaranjada e ele tem pelos! Algumas pessoas até o chamam de tatu-peludo. É o tatu mais fácil de ver: ele passa bastante tempo fora da toca, sempre atrás de comida. E sai de dia em áreas abertas!

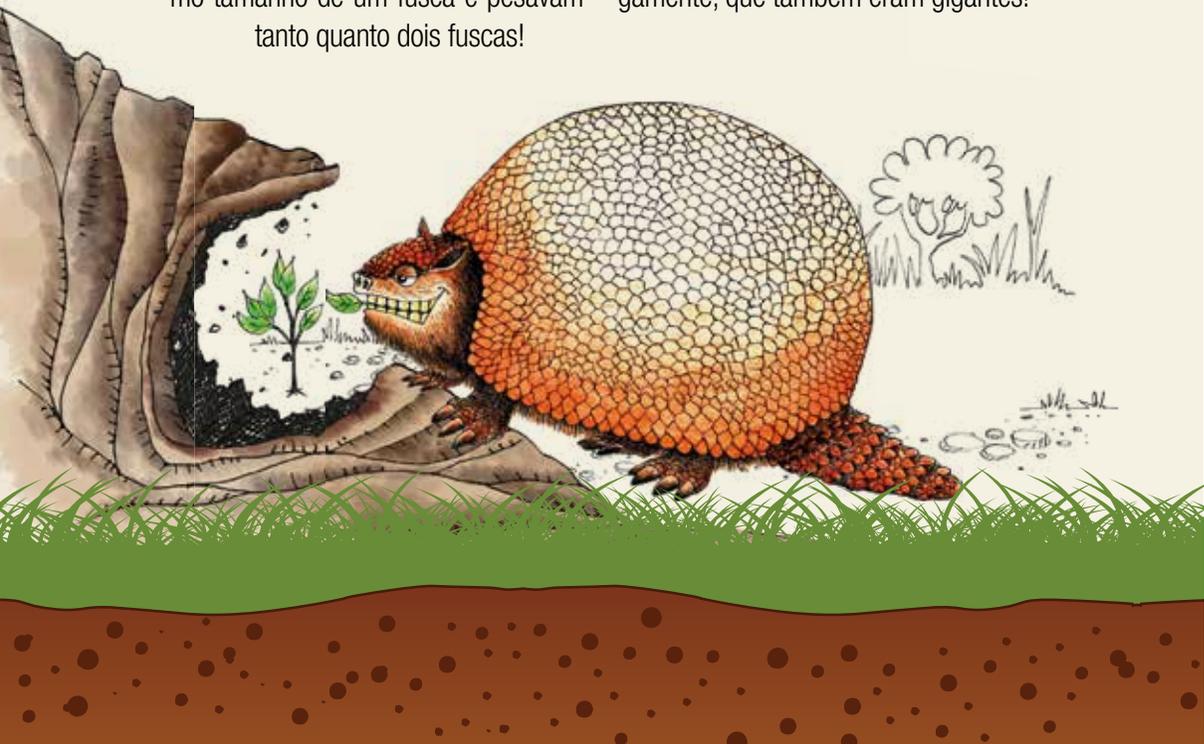


TATUZÃO DE ANTIGAMENTE



Antes de todas essas espécies brasileiras de tatu – na época dos homens das cavernas e muito antes ainda – existiam por aqui uns tatuzões enormes, bem grandes mesmo. Eram os gliptodontes. Eles pesavam 1500 kg e mediam 3 metros, quer dizer tinham o mesmo tamanho de um fusca e pesavam tanto quanto dois fuscas!

Os gliptodontes tinham uma carapaça bem dura e resistente, uma verdadeira armadura feita de placas parecidas com ossos. Alguns de seus parentes tinham também uma bola de espinhos na ponta do rabo. Tudo isso era para se proteger dos predadores de antigamente, que também eram gigantes!



PASSATEMPO

Pesquisadores identificam os tatus através dos desenhos nas escamas. Uma maneira fácil e prática que ajuda a saber quantos tatus vivem na Natureza. Agora é sua vez, ajude a descobrir qual o tatu que passou em frente à armadilha fotográfica.



Ah, uma dica:
observe o desenho
em destaque.
BOA SORTE !!!



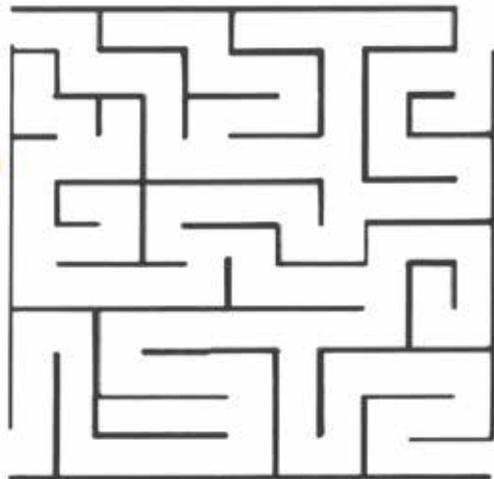
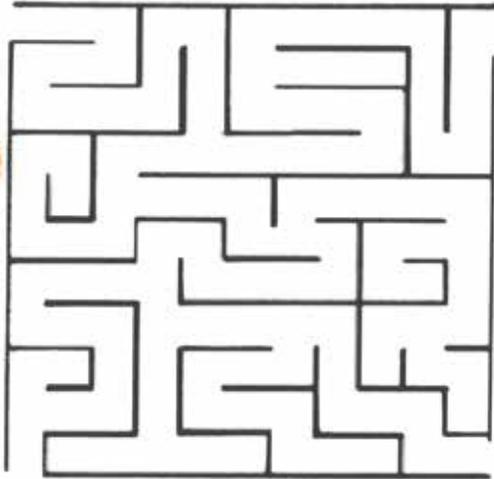
Ajude os animais a encontrarem abrigo na toca do tatu-canastra!



IRARA



CATETO



TAMANDUÁ-MIRIM



CUTIA



JAGUARITICA

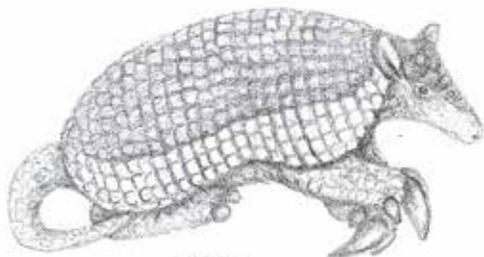


QUATI

Ajude a mamãe tatu-galinha a encontrar a toca com seus filhotes quadrigêmeos! Algumas pedras estão bloqueando a passagem.



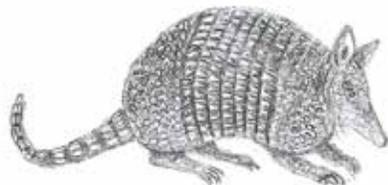
Você sabe identificar os tatus?
Ligue o nome ao desenho da espécie de tatu!



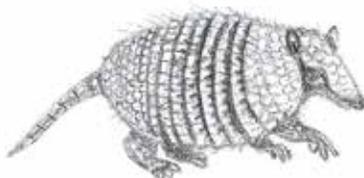
Tatu-peba



Tatu-bola



Tatu-canastra



Tatu-de-rabomole



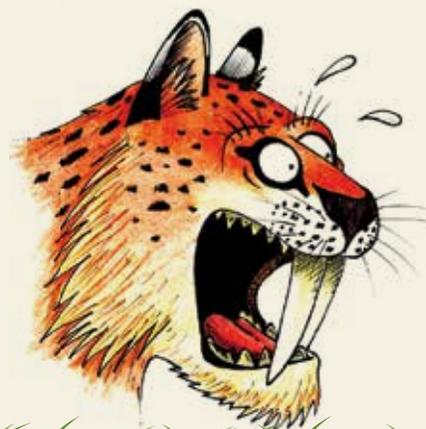
Tatu-galinha

Um dos predadores era o tigre-de-dentes-de-sabre da América do Sul. Uma fera de meia tonelada e 3 metros de comprimento! E que caçava em bandos, ainda por cima!

Os gliptodontes só não conseguiram se defender dos humanos e das mudanças do clima de 10 mil anos atrás. Eles eram lentos, não conseguiam fugir dos caçadores com lanças. E não se deram muito bem com as plantas que começaram a crescer naquela época, mais adaptadas a um

clima quente. Ah, é melhor explicar: diferentes dos tatus de hoje, os gliptodontes eram vegetarianos e não comedores de formigas e cupins...

Resultado: apesar de tão grandes, tão fortes, tão pesados e cheios de armas e armaduras, eles acabaram extintos, assim como a maioria dos gigantes pré-históricos. Tomara que nossos tatus de hoje não sigam o mesmo caminho, com tantas mudanças no ambiente provocadas pelo homem.



TATUZADA DO FUTURO

Só é bom tomar cuidado se você encontrar uma toca de tatu no mato: olhe bem e não cutuque para todo lado! A toca pode ter um tatu assustado, mas também pode ter um bicho bravo hospedado!

Para nossos tatus brasileiros, de todos os tamanhos, não sumirem como os gliptodontes, eles precisam ficar mais conhecidos. Eles dependem de amigos de todas as idades para ensinar aos mais novos a proteger suas tocas e pedir aos mais velhos para deixar de caçar escondido e de comer sua carne.

Já é proibido por lei caçar tatu, mas ainda tem muita gente que cerca o tatu na toca, prende, mata e leva para a panela.

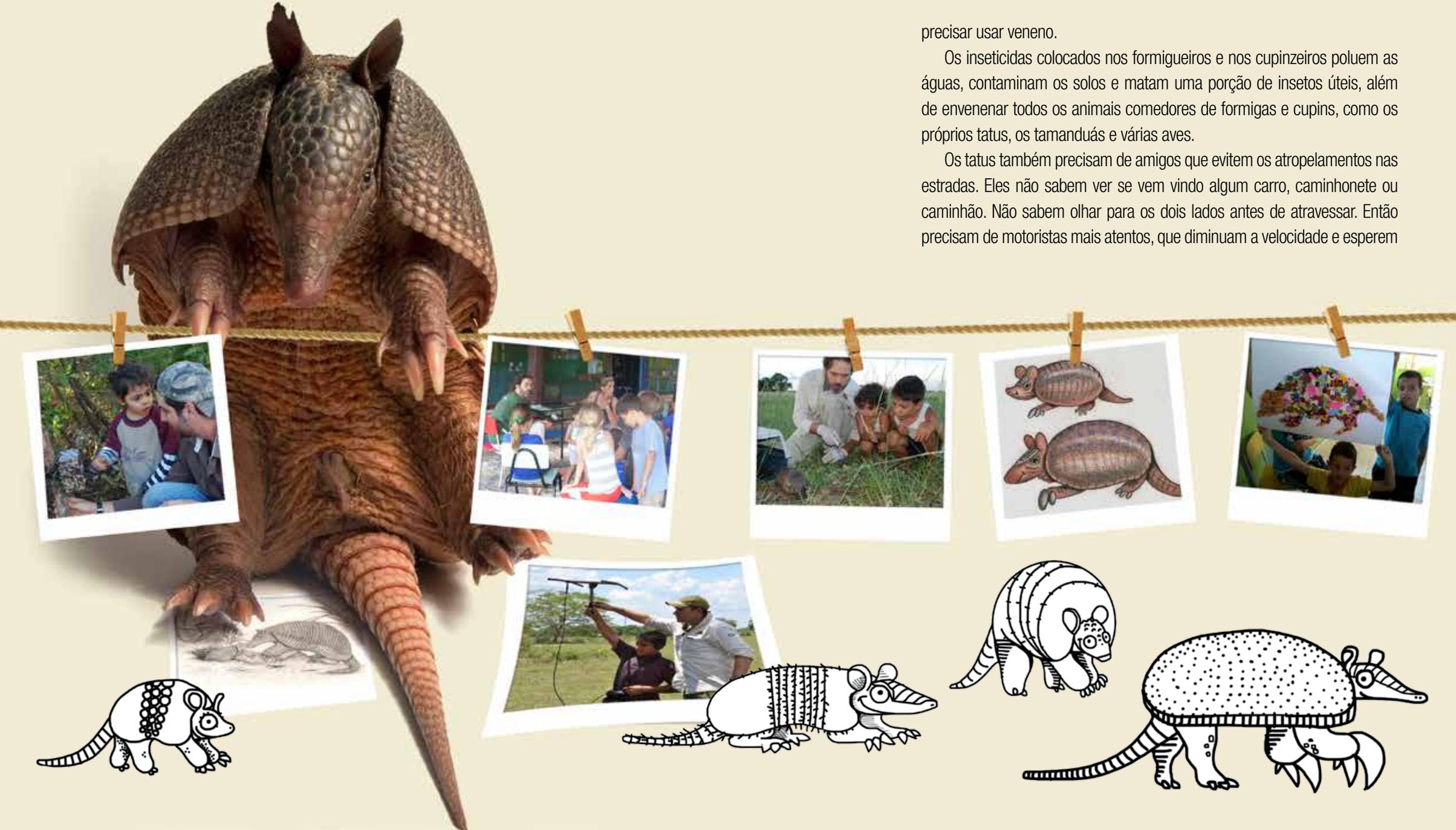
Se todo mundo fizer isso, vai faltar casa e pousada para tantos bichos ajudados pelo tatu com sua mania de construir túneis e deixar para os outros. E vai faltar tatu para controlar as formigas e os cupins sem



precisar usar veneno.

Os inseticidas colocados nos formigueiros e nos cupinzeiros poluem as águas, contaminam os solos e matam uma porção de insetos úteis, além de envenenar todos os animais comedores de formigas e cupins, como os próprios tatus, os tamanduás e várias aves.

Os tatus também precisam de amigos que evitem os atropelamentos nas estradas. Eles não sabem ver se vem vindo algum carro, caminhonete ou caminhão. Não sabem olhar para os dois lados antes de atravessar. Então precisam de motoristas mais atentos, que diminuam a velocidade e esperem



até eles chegarem ao outro lado.

Outra coisa importante é o cuidado no uso do fogo. Muita gente usa queimadas para limpar os pastos e as roças. Alguns tatus conseguem escapar das queimaduras quando estão bem dentro das tocas e o fogo passa lá fora. Mas a fumaça entra pelo buraco e pode deixar o tatu sem ar. Então os amigos dos tatus

podem evitar as queimadas nos lugares onde estão as tocas ou deixar de usar o fogo a torto e a direito.

Com a ajuda de todos os amigos dispostos a passar informações e conhecimento uns para os outros, os tatus têm uma chance melhor de futuro. Se você quer ser um desses amigos, entre para o time dos tatus e comece aprendendo



mais sobre eles na sua escola, no zoológico e na internet.

Aliás, a Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil (SZB) fez uma parceria com o Projeto Tatu-Canastra para criar a campanha Tem Tatu Aqui. Assim, todos os zoológicos e os aquários do país podem receber materiais e informações sobre as espécies nativas de tatus, começando com esta cartilha.

Existe uma porção de aquários, em-

presas e zoológicos trabalhando com os tatus em seus programas de educação ambiental, com muitas opções de atividades diferentes. Assim, elas fazem esta ligação tão importante entre os estudos em campo e em cativeiro e contribuem para a proteção da biodiversidade. Afinal, a SZB é uma “sala de aula” com cerca de 20 milhões de visitantes por ano e pode ajudar a espalhar a mensagem de conhecimento e conservação.



TATU EM ESTUDO

Não é fácil conhecer a rotina dos tatus, saber onde procuram comida, quando estão acordados e quando descansam, por onde andam, como os casais se encontram, quem cuida dos filhotes e quanto tempo vivem.

Não dá para observar com binóculos como se faz com as aves, pois durante boa parte do tempo, eles ficam debaixo da terra, em suas tocas! Também não dá para colocar rádio-colar, como se faz com antas, macacos e onças, pois falta pescoço para

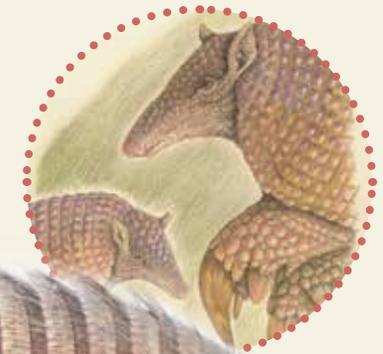
encaixar!

Então os pesquisadores precisaram inventar um jeito de grudar um pequeno rádio na carapaça, de um jeito de não seja arrancado quando o tatu faz suas escavações. Primeiro o tatu é capturado numa armadilha e recebe um remédio para dormir. Aí os pesquisadores tiram medidas, coletam sangue para saber se ele está bem de saúde e fixam um radinho na carapaça. Aí, quando acordado, o tatu vai embora, mas os pesqui-

sadores seguem o sinal do radinho com uma antena e marcam num mapa todos os lugares por onde ele passa. Dá para saber até se ele está parado ou andando dentro da toca.

Para ajudar, também são colocadas câmeras de foto e vídeo na frente do buraco:

cada vez que ele entra ou sai – ou recebe algum visitante – as câmeras registram tudo. E de pouquinho em pouquinho, todos os segredos do tatu são revelados! Foi assim que os cientistas descobriram como a toca era usada por um monte de animais, quando o tatu muda de casa.



SAIBA MAIS



Os pesquisadores que estudam o tatu-canastra e outros tatus no Pantanal sempre publicam novidades na internet.

Leia no site giantarmadillo.org.br/pt-br.

Conheça também os jogos interativos no site:

www.vivatatu.com.br

Quem preferir o **Facebook** é só adicionar o Projeto Tatu-Canastra (*Priodontes maximus*) ou Baía das Pedras – Pantanal. O grupo é aberto e dá acesso a fotos, historinhas dos animais estudados e outras coisas interessantes.

E se surgir alguma dúvida é só escrever para o pesquisador Arnaud Desbiez no email: adesbiez@hotmail.com

Agradecemos a contribuição dos ilustradores Geraldo França Jr, Luccas Longo e Ronald Rosa e do biólogo Gabriel Massocato, autores dos jogos e materiais lúdicos.

REALIZAÇÃO



APOIO

